

Relatório Global de Expressão 2022-2021: Brasil

O Brasil tem visto um declínio chocante tanto em termos reais quanto relativos: não apenas caiu de aberto para restrito no ranking do *Relatório Global de Expressão 2022-2021 da ARTIGO 19*, mas sua posição global viu uma enorme queda. **Em 2015, o Brasil foi classificado em aberto e 31º no mundo; agora está em 89º lugar e caiu para a categoria restrita.**

Ataques a jornalistas e profissionais da mídia são alarmantemente comuns. **Em 2021, o número de ataques a jornalistas e veículos de mídia foi o maior desde os anos 90, com 430 ataques no ano passado.** O aumento das violações da liberdade de imprensa no Brasil tem mostrado claras correlações tanto com a pontuação quanto com **o número de ataques, que aumentou mais de 50% no ano da eleição do presidente Bolsonaro.**

A estigmatização da mídia e a polarização a partir do topo do governo brasileiro dificultou o trabalho da mídia. No trabalho de campo, em vez de serem protegidos por suas identificações, os jornalistas são frequentemente escolhidos, assediados e atacados. O assédio online de Bolsonaro e de seus filhos tem cada vez mais influência - eles são responsáveis por grande parte do assédio online sofrido pela mídia. O furacão da desinformação, que floresceu online durante a polarização significativa e a presidência de um homem com um total desrespeito aos fatos científicos, teve efeitos devastadores durante a pandemia. No Brasil, mais de 600 mil pessoas morreram como resultado da negação e desinformação, o que incluiu a constante comercialização de medicamentos sem eficácia comprovada contra o coronavírus.

Os protestos, notoriamente super politizados no Brasil, agora também estão super-legislados. O Relator Especial da ONU sobre os direitos de reunião pacífica e de associação expressou séria preocupação, não apenas sobre o uso da força contra os manifestantes, mas também sobre os 20 projetos de lei em frente ao Congresso que ameaçam os movimentos sociais sob o pretexto de preocupações com a segurança nacional.

Típico deste estilo de líder, Bolsonaro procura contornar as instituições - tanto a mídia quanto a democracia. Ele favorece a comunicação direta via Facebook (durante a qual ele transmite regularmente desinformação) e através do Twitter, embora tenha bloqueado cerca de 200 jornalistas, representantes do Congresso e ONGs (incluindo a Anistia Internacional), apesar de compartilhar informações oficiais através desses canais.

O Ministro Alexandre de Moraes está supervisionando a maioria das investigações e se tornou um alvo particular de Bolsonaro, desde as tentativas de impedi-lo até as alegações em comícios de que "qualquer decisão tomada por [ele], este Presidente não mais obedecerá". Seus seguidores acreditam em sua palavra e têm exigido o fechamento da Suprema Corte e o retorno ao regime militar.

O Judiciário tem sido um grande reforço contra o Executivo e uma força a favor da imprensa. Em 2021, a Suprema Corte aprovou uma decisão chave para responsabilizar o Estado pelos ferimentos sofridos pelos jornalistas nas mãos das forças de segurança enquanto cobriam os protestos.

Esse caso é relativo à perda de visão do fotojornalista Alex Silveira em 2000, mas os abusos da polícia brasileira - particularmente da polícia militar - continuam.

Uma única operação policial no Rio de Janeiro resultou no massacre de pelo menos 25 pessoas. Na sequência dessa tragédia, uma ordem de sigilo de cinco anos foi colocada nos documentos em torno da operação, impedindo a justiça.

Mas perigosamente, Bolsonaro colocou em questão a integridade do sistema eleitoral, alegando infundadamente que as duas últimas eleições foram fraudulentas e que a eleição de 2022, na qual ele está tentando ganhar um segundo mandato, não aconteceria sem uma reforma.

Embora a queda na pontuação do Brasil tenha se estabilizado desde 2019, as eleições presidenciais de 2022 serão um teste à democracia do Brasil. Enquanto Bolsonaro continua a fazer declarações como "Somente Deus pode me tirar da presidência" e comentaristas fazem comparações com Trump e a insurreição do Capitólio, 2022 pode revelar o quanto foi erodido durante o mandato de Jair Bolsonaro.